

ESTRANGEIRO DE MIM: VIAGENS E VIAJANTES

Lívia Cristina Guimarães*

ABSTRACT:

This work focuses on travels, and, especially, identities. It is based on a German writer's descriptions of a trip to Brazil in the 19th century as well as on texts by two Brazilian writers about their visit to Germany in the 20th century. Through experiences and feelings of these so called travellers, differences and similarities between Brazilian and German cultures are discussed.

KEY-WORDS: *Identity; Otherness; Tradition; Travel Narrative.*

" O olho não vê coisas, mas imagens de coisas que significam outras coisas", dirá Marco Polo-viajante ao seu rei Kublai Khan, ao descrever-lhe as suas viagens (CALVINO,1990:17). Há aqui, um convite para o Ver. Já que o olhar sempre convida a ver, quer seja o simplesmente bonito ou escultural, ou mesmo o bizarro, o totalmente Outro. Também é o olhar que permite observar a formação de sujeitos, identidades, definições, estereótipos e preconceitos. Não se está aqui, falando somente de um dos cinco sentidos, senão que de todos os sentidos que o olhar traduz.

Olho o Brasil, às vezes, com a admiração de Ina von Binzer, ou a Alemanha com o espanto de Ignácio de Loyola Brandão e João Ubaldo Ribeiro, para tentar perceber e ver o que não é tão visível – reflexos, sombras, horizontes; o que está por trás deste Outro e talvez de mim própria. Um olhar enviesado – um de lá para cá e o outro daqui para lá, pesquisando as diferenças e as semelhanças. Um olhar de fora. Um olhar *do* estrangeiro.

* Mestre em Teoria da Literatura, 1997

I. O olhar na narrativa do estrangeiro

O relato de viagens vai possibilitar o estabelecimento de diferenças e semelhanças entre culturas distintas. Na intenção de comparar dois olhares enviesados, esse tipo de texto resgata dados importantíssimos, não só históricos, como também sociológicos e antropológicos, o que permite traçar um panorama mais amplo sobre o viajante; o estrangeiro, nesse caso, o brasileiro e o alemão.

Há um estranhamento sedutor que é reafirmado na tradição de tantas descrições paradisíacas do Brasil, desenhadas pelas mãos dos viajantes que antecederam a alemã Ina von Binzer. A "busca" por esses primeiros relatos foi para tentar encontrar a fonte da Outra-Literatura que seria como uma bibliografia para o diário de Ulla, a personagem de Ina von Binzer. Assim, de Hans Staden até os imigrantes do século XIX, foi traçado um mapa, na tentativa de registrar o nascimento desse imaginário visual, transcrito das figuras para os textos e canções na volta dos viajantes.

Nessa construção, observa-se o próprio olhar de Ina von Binzer, permeando a narrativa de Ulla e espelhando outros olhares anteriores ao seu. Um olhar que vê um Brasil mistura do selvagem, do inesperado e do exótico encontrado nos textos lidos anteriormente, mas ainda assim, menos selvagem e menos inesperado do que o ansiado por ela. Olhares de cientistas, imigrantes, aventureiros, que a seu modo, escrevem o que Huberto J. Rescher vai classificar como *Reisebeschreibungen* (relatos de viagem).

Rescher cita ainda a literatura de imigração como fator importante para a construção de uma imagem do Brasil, bem como os jornais diários ou semanários editados no país pelos imigrantes, e que muitas vezes decidiram sobre a formação de uma imagem negativa do país e do destino pessoal dos imigrantes alemães.

Essa visão, ou seja, o modo como as culturas se olham a si mesmas e aos outros, participa, nas narrativas analisadas, da construção da identidade, revelando também os medos do estrangeiro frente ao desconhecido com que se

depara, por mais informações que ele possa ter sobre o que será visto.

É em seu texto que o narrador-viajante vai estabelecer um percurso que lhe permita olhar o Outro e analisar a si mesmo através desse caminho. O texto do estrangeiro, como exercício de olhar, nasce da ruptura de um sentido – homenageia o Outro exatamente quando está prestando contas à sua cultura de origem e confirma as suas experiências de estranhamento. É o distanciamento que o separa de seu próprio universo que o faz sentir-se estrangeiro.

Nada como uma história atrás da outra

Em cada um dos textos escolhidos contempla-se uma época específica da História dos dois países. Ina von Binzer, em *Meus Romanos*, fala de um Brasil escravista; João Ubaldo Ribeiro, de suas experiências na Berlim recém-reunificada em *Ein Brasilianer in Berlin* e, finalmente, Ignácio de Loyola Brandão, construindo um quebra-cabeças com suas informações sobre uma Berlim dividida (e cercada) pelo muro, em *O verde violentou o muro*.

No texto de Ina von Binzer, Ulla é a preceptora estrangeira contratada para "educar" os filhos da aristocracia brasileira do século XIX. Ela escreve um diário em forma de cartas e nele reconstrói, com o filtro do seu olhar europeu, as experiências e impressões de um Brasil estranho, às vezes por ser diferente do esperado. A professora Ulla reverencia, como boa aluna que é, o texto lido e aprendido, e mostra, em suas comparações, o contraste entre a sua erudição e o primitivismo do povo brasileiro representado pelos patrões e alunos. Nesse ponto, pode-se até observar o conflito entre a natureza e a cultura, repetido das ações às cartas.

O texto da educadora acaba por se constituir em uma narrativa de aprendizagem em forma de cartas, nas quais Ulla repete para a amiga Grete as lições aprendidas na descoberta do Outro e que fazem com que o texto seja a própria consumação da diferença. Essa narrativa de aprendizagem é fruto de um desenvolvimento individual – no caso de Ulla, de uma experiência em um país estranho. O espaço de constituição da sua identidade é o seu texto, seu único bem em terra estranha, dirá Julia Kristeva. (KRISTEVA, 1994:14)

João Ubaldo e Loyola Brandão viajam a convite do DAAD para escreverem seus livros. O primeiro vai narrando em suas crônicas, divulgadas em um jornal alemão, as suas experiências na Alemanha; o segundo relata em fragmentos tudo o que vai encontrando e comparando. Essas anotações mais tarde serão transformadas no romance *O beijo não vem da boca*, ambientado em Berlim.

João Ubaldo chega em 1990 a uma Alemanha recém-reunificada e a uma Berlim ainda dividida por um muro fantasma que, mesmo sem existir concretamente, ainda consegue separar os dois lados da cidade. No texto, aborda alguns estereótipos, responsáveis pela imagem do brasileiro naquele país, como por exemplo, a tão decantada fama erótica da mulher brasileira. Para a construção de suas ironias, vale-se também dos estereótipos alemães (construídos por muitos com base na imagem e semelhança de Hitler) que possibilitam, de certa forma, uma reflexão sobre as questões da identidade no contexto contemporâneo.

Em o *Verde violentou o muro*, Ignácio de Loyola Brandão, descreve, em detalhes quase enciclopédicos, o visto, o visitado e o experimentado em mais de um ano de estada em Berlim ainda longe de se reintegrar à sua outra metade. O muro, as pessoas, a História, o nazismo e o preconceito vão desfilando, muitas vezes de forma poética, pelas folhas do texto deste autor.

3. De bagagens e viagens – Os mapas e as cidades

Todos os três textos se iniciam com a descrição/narração da chegada ao lugar estranho, e essa descrição começa pelos lugares óbvios da chegada, que são o porto, o aeroporto, a estação – primeiras marcas da viagem com seus sustos, atropelos, deslumbramentos e decepções; enfim, com todas suas expectativas. A sensação de estranheza é flagrante e cada um dos escritores elege um meio para mostrar isso.

O narrador de João Ubaldo se torna um berlinense de identidades emprestadas para justificar sua intimidade com o país. Loyola de Brandão cita nomes de conhecidos como que para exorcizar os medos do fantasma do estranho, e Ina/Ulla se decepciona com a carruagem européia que vai buscá-la na estação como também com a falta de índios e animais selvagens pelo caminho.

Alegre ou triste, o estrangeiro sabe que está a mais e para se defender cria máscaras que o façam crer no seu próprio bem estar. Depois da chegada, vem a tentativa de se estabelecer de alguma forma no lugar.

Ulla, João Ubaldo e Loyola Brandão descrevem seus atropelos e suas tentativas de recriarem um lar; de construírem de alguma forma um mundo novo, ainda que temporário, mas que no entanto se espelhe no lugar de origem. A casa poderá se tornar, então, para o estrangeiro em uma metáfora da pátria através da evocação da memória via objetos da lembrança – os *souvenirs*. Se isso não for possível, as relações poderão se dar em outro âmbito, como na preparação da comida típica, por exemplo. Ambos os autores brasileiros vão falar de pratos tradicionais da cozinha brasileira que servem de certa forma à socialização e ao encontro com outros brasileiros no exterior.

4. Retrato para um passaporte

Para falar de identidade não se pode restringir o conceito simplesmente aos aspectos sociológicos ou psicológicos. Identidade abrange aspectos políticos, e pode até chegar a ser considerada como metáfora para documento pessoal. É ela que possibilita ao sujeito se definir como um ser concreto (e não abstrato). Mais que tudo terá a ver com a postura de vida do indivíduo.

Na metrópole moderna, entretanto, os conflitos de identidade marcam as divergências e complexidades, criam novos produtos e mercados e desenham a

cada dia novos mapas, marcas da aceitação ou da segregação. A nova metrópole é responsável pela criação de um produto híbrido (em função da circulação cada vez maior de pessoas), que pode ser responsável pelas crises ideológicas do cenário multicultural.

O texto do estrangeiro na contemporaneidade vai surgindo desse emaranhado, dessa Babel, e tentando reconstituir a identidade do sujeito com pequenos relâmpagos da memória. Cada foto, cada postal, cada lembrança/*souvenir* serão repartidos na volta para casa (se ela houver) em novas narrativas. Velhos marinheiros, narradores-viajantes, retornando para contar suas experiências.

5. Estrangeiro em toda parte

Falar de relatos de viagem é reconhecer a transcrição das muitas línguas e linguagens, constituídas como narrativas ao instituírem o texto como lugar da diferença e marcar o início de uma aprendizagem com e sobre o Outro, através de palavras e olhares. É, além disso, constatar o papel do narrador-estrangeiro como responsável pela escritura de um texto informativo, etnográfico e histórico, assinalando a existência de uma homenagem à sua cultura através do cruzamento de informações sobre o povo e a cultura do país visitado, em um percurso que reflete pontos de vista e modos de observação capazes de explicitar aspectos da constituição da identidade.

Os quadros desenhados pelo primeiro texto vão constituir uma tradição literária com a qual outros textos teuto-brasileiros dialogarão, possibilitando o descobrimento de novos dados nesta convivência entre duas literaturas.

Após a leitura do relato de viagem, e mesmo após a viagem, observa-se que alguns mapas foram de novo decorados, coloridos e manuseados para dar conta da identidade deste sujeito Outro, que transformou sua viagem em texto.

Esses mapas/relatos de viagem atravessaram o tempo e traçaram, em palavras, as diferenças observadas, construindo mais uma história, com as afirmativas e as negativas diante de algumas questões que lhe deram a dimensão de sua cor, de sua raça, do seu credo etc.

O viajante, em sua narrativa, volta ao passado através da paisagem e da arquitetura. Em sua viagem, espaço e tempo estão estreitamente ligados, o que faz com que ele se movimente, à vezes, em função da cronologia da sua viagem. Assim o seu percurso, mais tarde retratado em texto, privilegiará diferentes perspectivas temporais e históricas, bem como o reconhecimento e o desenvolvimento da humanidade através da observação do Outro, o que fará com que a viagem não seja somente ida e volta, mas acima de tudo o deslocamento no tempo, a possibilitar uma compreensão maior entre as pessoas.

Vários relatos de viajantes foram recolhidos nessa leitura, folhas brasileiras e alemãs, memórias em pedaços, em uma tentativa de reunir os fragmentos das histórias para desenhar o que se tornou a tradução do novo/estranho em visto/visitado, e para enlaçar a narrativa do estrangeiro, com seus muitos ramos situados na tênue fronteira entre a ficção e o relato de viagem, que conjugam a História, a Cultura e a Identidade.

Provavelmente, nascerão mais folhas dessa árvore-texto que criou raízes nas palavras de um e outro viajante, de um exilado, de um imigrante ou migrante – estrangeiro de si mesmo – que será, sempre, esse ser em trânsito, onde quer que esteja, tentando manter uma sua identidade sem que necessite vender sua alma ao diabo como um Fausto pós-moderno.

RESUMO:

O texto trata da viagem e da identidade, tendo como base as narrativas de viajantes (uma autora alemã e dois autores brasileiros). Através das suas experiências e vivências procura-se compreender as diferenças e igualdades das culturas brasileira e alemã.

PALAVRAS-CHAVE: *Identidade; Alteridade; Tradição; Viagens.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINZER, Ina von . *Os meus Romanos. Alegrias e Tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. Alice Rossi e Luisita G.Cerqueira. ed.Bilingue. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O verde violentou o muro. Visões e Alucinação alemãs*. 10a.ed. São Paulo: Global, 1985.
- _____. *O beijo não vem da boca*. São Paulo: Global, 1987.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RESCHER, Hubertus J. *Die deutschsprachige Literatur zu Brasilien von 1789-1850*. Frankfurt: Peter D. Lang, 1979.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Ein Brasilianer in Berlin*. Aus dem brasilianischen Portugiesisch von Ray-Güde Mertin. Frankfurt a Main: Suhrkamp, 1994.